

“GENERALISTA E PLURALISTA?”: GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CAROLINA PAES¹; MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA².

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – anacarolina-paes@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – marciaondina@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar algumas construções iniciais de um projeto de mestrado em andamento, que versa sobre as concepções de gênero e sexualidade presentes nos discursos dos professores e professoras e no currículo do curso de Psicologia de uma Universidade pública.

A inclusão do debate sobre gênero e sexualidade nos espaços acadêmicos a nível internacional ocorre desde a década de 1970 devido à pressão de grupos feministas e de grupos gays e lésbicos que denunciaram a invisibilidade de suas representações de mundo nos programas curriculares das instituições de ensino, sendo que é apenas na década de 1990 que estes temas passam a figurar nas universidades brasileiras. Foi através dos Estudos feministas, e posteriormente, com os Estudos de Gênero que se passou a evidenciar o sexismo, machismo e as LGBTfobias enquanto problemas presentes nesta sociedade, possibilitando a abordagem destas questões também dentro da universidade (HEILBORN e SORJ, 1999).

A modernidade elencou o sujeito como centro de seu pensamento, concebendo-o como livre, autônomo e racional, e colocando aqueles aos quais se atribuía tais características como exímios representantes de toda humanidade. Diferentes perspectivas teóricas (os marxismos, os feminismos, os pós-colonialismos) denunciaram este sujeito como masculino, branco e burguês, apontando a especificidade contida na ideia de universalidade, unidade e neutralidade atribuída ao mesmo. A concepção moderna da ciência portanto, negava que as mulheres possuíssem a racionalidade e a objetividade necessárias ao pensamento científico. A Psicologia no processo de afirmação enquanto ciência tendeu a aproximar-se de preceitos positivistas. É portanto, pelo caráter de seu desenvolvimento histórico que a Psicologia sempre esteve entre as ciências cuja tendência tem sido estabelecer relações mais tênuas com os estudos feministas e de gênero. Tendência esta que contribuiu para a adoção de um olhar universalista sobre a vida psicológica, tendo como referência o masculino, fundado em bases ideológicas pretensamente neutras (ABIB, 2009).

São, portanto, as práticas e o pensar dissociados do campo político e social que têm produzido os saberes da Psicologia como “científicos”, “neutros”, “objetivos” e dessa forma têm mantido perspectivas naturalizantes e universalizantes nesta área. Nesse sentido, é nosso objetivo verificar se estas perspectivas denunciadas por diferentes teóricos estão presentes, e de que maneira, no curso de Psicologia estudado, especialmente no que se refere à presença das discussões que vêm sendo propostas atualmente pelos estudos de gênero no Brasil e no mundo.

2. METODOLOGIA

Pretende-se pesquisar o curso de Psicologia de uma Universidade pública, que tem duração de cinco anos em período noturno e ao final confere a titulação de Psicólogo(a). Por tratar-se de um estudo analítico com enfoque qualitativo que, segundo MINAYO e SANCHES (1993), trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões e que portanto, busca aprofundar a complexidade de fenômenos, propõe-se para a coleta e análise de dados, entrevistas semi-estruturadas com os professores do curso, a fim de compreender quais concepções sobre gênero e sexualidade estes carregam consigo. O levantamento e a análise do currículo formal do curso serão feitos a partir dos planos de ensino das disciplinas obrigatórias e optativas do curso e dos estágios curriculares supervisionados e demais documentos, como projeto pedagógico, através do método de pesquisa que se aproxima da análise documental por recorrer a fontes diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, etc. (FONSECA, 2002).

O material obtido será submetido a uma análise de conteúdo, cujas principais etapas segundo BARDIN (2006) são: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto encontra-se em fase de coleta e análise dos documentos que compõem o currículo, sendo assim, através da análise de alguns dados do projeto pedagógico do curso podemos ensaiar algumas interpretações provisórias.

Há no curso um total de 61 disciplinas obrigatórias (entre teóricas e práticas). Destas, somente cinco mencionam explicitamente algum conteúdo relacionado (direta ou indiretamente) a gênero e sexualidade, caracterizando menos de 10% das disciplinas obrigatórias (8,1%). No caso das disciplinas da formação livre (optativas), há 25 destas, sendo que seis mencionam explicitamente algum conteúdo relacionado às questões de gênero e sexualidade, caracterizando quase 25% das disciplinas optativas (24%).

Vale ressaltar que os conteúdos presentes nas disciplinas de caráter obrigatório estão mais próximos das áreas biológicas e da saúde. Já aqueles presentes nas disciplinas optativas aproximam-se das áreas humanas e sociais e têm um caráter mais próximo daquilo que os estudos de gênero e feministas vêm propondo ao longo das últimas décadas.

Além disso, é possível perceber pela leitura do projeto pedagógico do curso, que autoras mulheres aparecem muito mais na bibliografia complementar do que na bibliografia básica das ementas das disciplinas, a não ser naquelas disciplinas relacionadas às áreas do desenvolvimento e da aprendizagem, o que corrobora com a história das mulheres na ciência, relegadas às margens da produção do conhecimento e/ou ligadas às áreas do cuidado (LOURO, 2014).

4. CONCLUSÕES

Espera-se com esse trabalho compreender como as concepções sobre gênero e sexualidade presentes nos discursos de professores e professoras e no currículo se articulam neste contexto específico de análise, para que possamos pensar sobre os possíveis efeitos destas perspectivas na constituição dos sujeitos

e sujeitas Psicólogos/as e em suas práticas, uma vez que se entende que a não consideração da diversidade no contexto educacional produz condições de reprodução de espaços que possibilitam a existência e a continuidade de preconceitos e discriminações, e a inserção destes debates permite a ampliação de condições para uma prática e um ensino não apenas não discriminatórios como anti-discriminatórios.

Apesar de vivermos um momento histórico em que muito se fala sobre educar para a diversidade, valores conservadores ainda permeiam as práticas discursivas e não discursivas implicadas no desenvolvimento dos sujeitos com relação à sexualidade e às formas de conceber o gênero, seus comportamentos e práticas. Dessa forma, entendemos que, como a psicologia historicamente se constituiu como campo de práticas e saberes que perpetuaram modelos hegemônicos de sexualidade e de gênero - como é o caso da maioria das teorias clássicas do desenvolvimento e da personalidade em que autores generalistas como Freud, Piaget e Skinner ignoraram a importância do sexo/gênero ou trararam estas categorias enquanto mera variável - consideramos de fundamental importância a inserção dos atuais debates propostos pelos estudos feministas e de gênero na formação de futuros/as psicólogos/as. No sentido de sensibilizá-los e sensibilizá-las quanto aos riscos de um caráter sexista e heteronormativo da formação, visto que poderão atuar como potenciais perpetuadores/as de discriminações ou como profissionais capazes de propor uma escuta atenta aos efeitos destes processos na constituição dos sujeitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, José Antônio Damásio. **Epistemologia pluralizada e história da psicologia**. Scientia Studia, v.7, n. 2, 195-208, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. **Estudos de Gênero no Brasil**. In: MICELI, Sérgio (org.). O que ler nas Ciência Social brasileira (1970-1995). São Paulo: Editora Sumaré; ANPOCS; Brasília: CAPES, p. 183-222, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16.ed. São Paulo: Vozes, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. e SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade**. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.9, n.3, 1983.